

# **“NÃO SE DEVE DECRETAR A MORTE DE UM GIRASSOL ANTES DO TEMPO”: A REPRESENTAÇÃO DA IMANÊNCIA DA MORTE NA ESCRITA DE CAIO FERNANDO DE ABREU**

SANTOS, Ivanildo da Silva - UFPB/PPGL  
BORBA, Lucas Leite- UFPB  
OLIVEIRA, Rayssa Kelly Santos de – UFPB/PPGL

**Resumo:** Para muitos indivíduos, o amor é uma fonte inestimável de contentamento na vida. Embora persista em juras, não podemos ter garantias de suas promessas e sentimentos. Ao passo, que a perda do objeto amado é vivenciada como uma profunda dor. Por isso, amor e perda são interligados, quanto maior o risco mais forte o vínculo. O fato de que perderemos quem amamos, e eles a nós, nos aproxima mais deles, porém se torna um “fantasma” silencioso que nos rodeia. Ou seja, a morte configura-se como o maior fardo do ser humano. Apesar da luta para evitar a morte, os sujeitos possuem a consciência abstrata de seu irremediável avanço. Diante de tal conjectura, nossa pesquisa pretende analisar as representações da morte na tessitura literária, especificamente no conto *A morte dos girassóis*, do escritor Caio Fernando Abreu. Na narrativa, nos deparamos com um narrador-personagem, que encerra sua existência no jardim cuidando das plantas. Os cuidados que tinha para com as flores, perfazem-se numa metáfora da terra, vislumbrando-a como um terreno, do qual podemos extrair vida e morte. Utilizamos, como arcabouço teórico, os estudos psicanalíticos desenvolvidos por Sigmund Freud (1915/2013) e J.D. Nasio (2007), e os estudos psiquiátricos de Colin Parkes (2009).

**Palavras-chave:** Literatura- Morte- Luto

## **INTRODUÇÃO**

O processo de luto está interligado nas demandas entre dois extremos da existência humana: a vida e a morte. O luto é um sentimento de extrema dor, afetando o enlutado tanto na mente, como na alma. Sua dor não distingue da dor de amar, pois a perda do objeto se configura como uma ruptura traumática do corpo e alma, relegando ao indivíduo uma dor incomensurável. Necessitando representa-lo, nomeá-lo e refleti-lo para realizar o luto dele. Mas que *também para que, ao falar dele, ao nomeá-lo e representá-lo, eu seja capaz de me angustiar* (NASIO, 2007, p.68).

Através do luto reconhecemos que o outro está morto fora de nós, e que mesmo assim permanece dentro de nós. É vivermos com a dualidade de um apego que perpassa o caos pulsional da morte e vida. O luto é a preservação desse morto dentro de nós, como uma imagem-fantasma que dia após dia, diremos que “ele não está aqui”, e também “ele não está dentro de mim”. No entanto, resta ao enlutado desligar-se do morto e apenas, preservar em si toda a nobreza proveniente de sua relação com o indivíduo falecido, sendo o amor uma mola propulsora de todo o apego. O luto não se limita apenas a morte de um ente querido, mas a perdas reais e simbólicas ao longo do nosso desenvolvimento perpassando pelas dimensões físicas e psíquicas.

Partimos do pressuposto de que a Psicanálise tomará o lugar do mediador (analista), da dor traumática do paciente que precisa ser ouvida, desgastada em lágrimas e ressignificada. Utilizaremos as contribuições de Sigmund Freud (1915), Parkes (2009) e Nasio (2007), para analisarmos o conto A morte dos girassóis, de Caio F. Abreu para observarmos o desamparo iminente de um sujeito consciente de sua morte, e das angústias referentes à degradação do seu próprio corpo físico e psíquico diante da confirmação metafórica de seu próprio falecimento.

## **1. LITERATURA E PSICANÁLISE**

*Abrir-se ao domínio do Inconsciente que é o primeiro e antes de tudo o seu inconsciente, condição essencial para falar do inconsciente dos outros, nem que sejam os dos textos literários.*

JEAN BELLEMIN- NOEL

Quando pensamos nas relações estabelecidas entre literatura e psicanálise, delimitamos dois campos de conhecimento exclusivos, distintos e peculiares, embora haja possíveis diálogos, sobre certas premissas. Desde as primeiras formulações freudianas há uma aproximação dos estudos psicanalíticos e as análises literárias. É importante destacarmos a articulação existente entre as possibilidades do reencontro da teoria psicanalítica no texto literário, trocas provenientes das descobertas de um diálogo estabelecido como

uma condição de relançamento da escrita através da intertextualidade. Nos textos de Sigmund Freud encontramos as impossibilidades e possibilidades desta relação entre estes dois eixos do conhecimento humano. Todavia, deparamos com alguns impasses iniciais, os pesquisadores e estudiosos que tentam delimitar um espaço e conceito para ambas, pois a psicanálise não é considerada como ciência, e a literatura permanece, em alguns momentos, rodeada de conceitos flexíveis e insolucionáveis.

Mas em que a literatura “instrui” a psicanálise? E o que a psicanálise “explica” a literatura? Para o poeta e o escritor, o seu ofício, é a escrita. É através de um jogo comparável à criança que, em sua dedicação ao brincar, cria seu próprio mundo transpondo as coisas concretas da realidade para uma ordem que mais a agrade, investindo muito afeto. E o poeta e o escritor fazem o mesmo que a criança: reinventam um mundo de fantasia e o tomam com seriedade, mesmo provendo muita afetividade a sua ocupação, conseguem o separar do real. Eles atendem uma demanda de uma expressão, sublimam sua pulsão. E com este desejo de expressão, utilizam as palavras como se estivessem envolvidos em um jogo, fazendo da linguagem e estética literária seus objetos e instrumentos para por seu intermédio, mostrarem-se. Por este motivo, o mestre vienense, Sigmund Freud (1908/1996), alia a prática literária e a escrita ao ato de brincar de uma criança, pois “os escritores, não menos, já que criam um mundo de fantasias, que por sua vez também é revestido de cargas de emoção elevadas, bem como sabem perfeitamente distinguir o mundo exterior do por eles criado”. Como uma expressão do inconsciente, a literatura estimula a livre associação e o imaginário do leitor. Ela aguça a curiosidade do leitor que, instigado pela leitura de um poema, romance ou demais expressões literárias, buscará os discursos que estarão além, no nível do não dito na escrita. Esta tarefa assemelha-se ao trabalho de um analista, que buscará os significantes das histórias contadas por seus pacientes, apreendendo o que não está no enunciado. Mas a literatura com suas concepções superiores proporciona aos sujeitos uma consciência de sua humanidade. A escrita exerce uma função de “formadora”, enquanto a fala restringe, apenas a informa-nos. Só através de algo como a literatura que o homem questiona sobre si mesmo, seu universo, seu passado histórico e desempenho social e mental. Como afirma Jean Bellemin-Noël (1978), a literatura “deforma-nos necessariamente, já que o que foi escrito

nos vem de outro lugar, longe ou perto na ausência e de um outro tempo, de outrora ou de há pouco: nunca daqui e de agora, onde falar é o suficiente”. (p.12)

Desta forma, a relação entre psicanálise e literatura não é algo recente. Pois Sigmund Freud, fundador da psicanálise, desde sua infância apreciava a literatura. Seu meio social permitiu que tivesse acesso aos mais variados autores de seu tempo e antes dele, inclusive com nacionalidades distintas. Com isto, o pai da psicanálise adquiriu sua uma formação intelectual a partir de autores como, Dostoievsky, Shakespeare, Schiller, Hoffmann, Goethe, Cervantes e outros contemporâneos de sua época. Na obra de Freud, encontramos várias conexões com estes autores, pois o fascinava como seus textos conseguiam prever e explicar muitas inquietações humanas. Além de utilizar diversas citações para tornar seus textos mais claros, é visível a admiração que sentia em notar a proximidade das narrativas ficcionais a seus conceitos teóricos, desenvolvidos e elaborados na sua desafiante experiência clínica.

Destacamos que a relação literatura e psicanálise não se trata de interpretações literárias e muito menos da vida do autor, mas acompanhar as peculiaridades e proximidade entre o trabalho do escritor e analista, pois ambos desejam desvendar a complexidade dos conjuntos de discursos particular do humano, pois “tudo isto se encontra alojado em nós, no nosso pensamento, na nossa linguagem” (NOEL,1978,p.12). Eles buscam os sentidos do imprevisível e desconhecido, nas paixões, desejos, triunfos, contradições, tentando chegar mais próximos do enigmático e obscuro inconsciente. Já que “os escritores são homens que, escrevendo, falam, sem o saberem, de coisas que literalmente “eles não sabem”. O poema sabe mais que o poeta.” (NOEL,1978, p. 12).

A presença destes autores influenciaram muitos dos estudos teóricos de Freud sobre a formação do sujeito, como por exemplo, o Complexo de Édipo, inspirado na obra sobre o mito do Rei Édipo, de Sófocles. O contato pessoal com a literatura proporcionou a Freud uma base para sua produção a respeito do que se ocupam os escritores na escrita e produção literária. Sendo assim, encaminhou-se em pesquisar as motivações e a capacidade de elaboração do autor para a criação de suas obras, pois compreendia a literatura como “uma linguagem diferente, que não dizia apenas, nem exatamente nem verdadeiramente, o que parecia dizer” (NOEL,1978, p.12).

Sem querer, envereda por uma teorização sobre a capacidade criativa literária do autor em suas obras, porque a literatura, como resultado da subjetividade e como meio sublimatório da pulsão, proporciona elementos que constituem uma mensagem com mais de um sentido evidente. Ele sempre admitiu que a arte e a literatura sempre prenunciava e corroborava com as investigações da clínica psicanalítica.

É neste momento que surge uma das linhas de diálogos entre literatura e psicanálise, devido “o fato literário só vive de receptor em si uma parte de inconsciência, ou de inconsciente” (NOEL, 1978, p.13). A psicanálise empenha-se a assimilar o excedente fluxo de sentidos que o texto possui, tentando desvendar o interior dos personagens, investigando seus conflitos, paixões e desejos.

A psicanálise apropria-se de referências, extraindo metáforas proporcionando aos literatos um maior aprofundamento para o processo criativo, ou seja, de liberação do inconsciente. As obras literárias oferecem um conjunto essencial para compreender a realidade do homem e seu meio, apresentando discursos que deixam revelar partes do inconsciente. A psicanálise e seus conceitos procuram aprofundar um maior conhecimento do psiquismo humano, através de análises que buscam reconstruir este “inconsciente” e seus efeitos. Desta maneira, a aproximação entre ambas torna-se evidente, pois agem como “instrumentos de interpretação”, funcionando como leituras, já que “literatura e psicanálise “lêem” o homem na sua vivência cotidiana tanto quanto no seu destino histórico” (NOEL, 1978, p.13).

Por muito tempo, Freud se dedicou a investigar as diversas manifestações do inconsciente. Nesta perspectiva, ele se preocupou com o desenvolvimento da sexualidade humana, encontrando explicações para o imprevisível e o desconhecido no indivíduo na sociedade, na cultura e no desenvolvimento da psique. Nessa esteira investigativa, inicia seus estudos sobre o desenvolvimento do fenômeno amoroso, afirmando inclusive que bem antes de sua puberdade “já está desenvolvida na criança a capacidade de amar” (FREUD apud RAVANELLO & MARTINEZ, 2013, p.160). Deste modo, Freud possibilita a psicanálise uma abordagem sobre o tema do amor, articulando sexualidade e amor na constituição de sua teoria. No seu texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), o amor dar-se a partir da escolha de objeto. Em *As pulsões e*

*suas vicissitudes* (1915) é exposto segundo as dicotomias e relações com as pulsões. Já em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), Freud apropria-se dos conceitos de identificação e idealização para diferenciar dois tipos de amor, entre outros textos ao longo da constituição de sua teoria. Mesmo que as inquietações dos filósofos, poetas e escritores a respeito da natureza do amor fossem evidentes no enaltecimento em seus versos e frases, em torno do contentamento e da dor de amar. Os estudos desenvolvidos no campo freudiano procuraram evidenciar um olhar mais aguçado sobre os enigmas e fantasias que cingem o amor. Assim, Freud tornou o tema amoroso relevante para sua teoria psicanalítica. Sua preocupação com o tema é demonstrado significativamente em seus textos. Ele estende a diferentes campos da natureza humana, um assunto em que a literatura exerceu forte influência.

Neste cenário, o conceito de amor, na teoria freudiana, circunscreve-se próximo de conceitos como gozo, desejo, pulsão, sexualidade, libido, afeto e outros. O mito do amor ainda é conservado. Um exemplo é o grande sucesso das telenovelas que seguem a estrutura clássica do folhetim romanesco: lamentações, incidentes e final feliz. O amor estimula a busca pela verdade (conhecimento) mais que qualquer outra coisa. Em seus seminários, Lacan defendia a estreita conexão entre amor e verdade, explicando que, entre ambos, existe uma estrutura de ficção, ou seja, são elementos que possuem a função de erguer um muro diante dos enigmas sem solução. Por isso, o amor apresenta-se na figura do enigmático e indecifrável sentimento.

## **2. A DOR DE UMA FERIDA ABERTA E NUNCA CICATRIZADA**

O luto é um estado caracterizado pelo sentimento de perda do objeto amado e um esvaziamento do mundo externo. Na maioria dos casos, o enlutado é consciente do rompimento de seu elo significativo entre uma pessoa ou objeto, portanto o luto possui um período determinado. Há semelhanças entre o luto e a melancolia, com a diferença que, no enlutado existe uma consciência de qual objeto teria sido perdido, enquanto no melancólico o objeto não dispõe um caráter definido. Na melancolia, esta perda se faz em caráter mais ideal, o sujeito sabe que perdeu e quem perdeu, mas não o que se perdeu de si, no outro. Ou seja, a perda para o este segundo é completamente inconsciente, portanto,

resultará em um trabalho interno e o qual será responsável pela inibição melancólica. No luto é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia é o próprio ego.

O processo de luto não se resume a morte, mas também aos confrontos com perdas reais e simbólicas ao longo do nosso desenvolvimento humano. Destarte, perpassa pela dimensão física e psíquica, entre laços afetivos de caráter pessoais, profissionais, sociais e familiares dos sujeitos.

Em *Luto e Melancolia* (1915/2011), Freud compreende o luto como um comportamento referente à perda, não necessariamente ligado à morte de alguém de estima do enlutado, porém um sentimento de profunda tristeza capaz de tomar as mesmas proporções, sendo uma demanda constante e natural durante o desenvolvimento humano. Para o mestre vienense, o enlutado sabe exatamente aquilo que perdeu, ou seja, não existe nada de inconsciente a respeito de sua perda. Outrossim, o luto é um mecanismo natural para elaboração da perda, que é superado após um tempo indeterminado, e por mais que possua uma caráter patológico, não é considerado uma doença, sendo assim, não há necessidade de interferências externas para sua cura.

O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc. Sob as mesmas influências, em muitas pessoas se observa em lugar do luto uma melancolia, o que leva a suspeitar nelas uma disposição patológica. É também digno de nota que nunca nos ocorre considerar o luto como estado patológico, nem encaminhá-lo para tratamento médico, embora ele acarrete graves desvios da conduta normal da vida. Confiamos que será superado depois de algum tempo e consideramos inadequado e até mesmo prejudicial perturbá-lo. (FREUD, 1915/2011, p. 47)

Durante nosso desenvolvimento passamos por perdas constantes que nos seriam protótipos de estados psíquicos que incorporamos na mente, e que poderão ser revividos em experiências ulteriores. Sigmund Freud (1926) explica-nos que as primeiras experiências traumáticas constituem os modelos das disposições afetivas, e quando nos deparamos com situações semelhantes são revividos. Em *Inibições, Sintomas e Angústias* (1926), o autor disserta a respeito da ansiedade de castração, proveniente da fase fálica do desenvolvimento psicosssexual, que é a angústia da perda de um objeto de extremo valor, no caso o falo. O superego elimina a possibilidade de unir-se a mãe (ato da copulação),

fazendo que o sentimento de separação da mãe seja renovado, criando uma tensão desagradável de rememoração do ato de nascer (separação da mãe). Diante disso, o ego arcaico do indivíduo se vê diante do perigo de vida e perda de objeto até a primeira infância.

No seu livro *A Dor de Amar* (2007), J.D. Nasio, diz que os enlutado passa por um processo de dor extrema devido ao o esvaziamento do eu e desinteresse pelas palavras de consolo, pois a superação do luto é realizada pouco a pouco e com grande investimento de energia. Ao relatar seu trabalho analítico com sua paciente Clémence, expõe toda a travessia da dor sofrida no corpo e mente daqueles que sofrem a perda do objeto amado.

Seu corpo encarnava perfeitamente o eu exangue do ser sofredor, um eu prostrado, suspenso à lembrança muito viva do filho desaparecido, lembrança martelada por uma pergunta obsessiva: “De que ele morreu? Por que, como ele morreu? Por que aconteceu comigo?” Sabemos que esse estado de extrema dor, que perpassa o enlutado, essa mistura de esvaziamento do eu e de contração em uma imagem-lembrança, é a expressão de uma defesa, de um estremecimento de vida. Também sabemos que essa dor é a última muralha contra a loucura. No registro dos sentimentos humanos a dor psíquica é efetivamente o derradeiro afeto, a última cristação do eu desesperado, que contrai para não naufragar no nada. (NASIO, 2007, p. 9)

Nasio (2007) atribui um valor simbólico a dor no processo de reestruturação do paciente enlutado, porque ao vivermos a dor da perda do objeto amado como uma experiência fortalecedora, a dor acabará sendo gasta em lágrimas e ressignificada em palavras. Pois *a pessoa amada é para o eu tão essencial quanto uma perna ou um braço*. (NASIO, 2007, p. 24)

Sigmund Freud (1915), em *Luto e Melancolia*, o autor evidencia que o luto é um processo extremamente doloroso. No processo de luto ocorre inibição de atividades que não se relacionem diretamente a “imagem-lembrança” do objeto perdido, por causa da catexia do objeto que tende a continuar aumentando, esvaziando o ego. Essa inibição é uma demonstração de total devoção afetiva do enlutado ao seu objeto amado perdido não se permitindo possuir outros interesses.

Em *Sintomas, Inibições e Angústia* (1926), Freud apresenta a Inibição, como sendo um restringimento da função do ego sendo uma medida de resguardo derivada do empobrecimento de energia libidinal. A psicanalista



Maria Rita Kehl (2011) diz: *é um trabalho de paulatino desligamento da libido em relação ao objeto de prazer e satisfação narcísica que o ego perdeu, por morte ou abandono* (p.13).

### **3. A IMANÊNCIA DA MORTE DOS GIRASSÓIS QUE NUNCA SE PERMITEM DESFALECER**

Na mitologia grega a flor de girassol teria surgido de uma antiga lenda. A ninfa Clítia estava perdidamente enamorada por Hélios, o deus do Sol. No entanto este preferiu Leucotéia. Ao ver-se desprezada, abandonada e rejeitada em seu amor, Clítia começa a definhar em uma enorme tristeza. Ela sentava-se no chão, sem comer, sem beber e com frio, apenas, se nutrindo de suas próprias lágrimas. Durante o dia o Sol estava no céu, e Clítie não desviava o olhar dele, porém durante a noite se prostrava para o chão continuando a chorar copiosamente. Com o passar do tempo, seus pés ganharam raízes e a sua face se transformou em uma flor, e continuou seguindo o sol. Assim nasceu o primeiro *Helianthus annuus*, cujo significado é “flor do sol”.

O conto *A Morte dos Girassóis* (2014), do escritor Caio Fernando Abreu, apresenta um narrador-personagem que perdido no cultivo, e preparo da terra de seu jardim não se mostra apreensivo com a morte de seu corpo físico. Pois seu encontro com o vizinho demonstra sua total naturalidade para os processos de vida e morte, não negando ao amigo vivo que esteja no mundo dos mortos.

O conto inicia com a imagem do narrador olhando para o anoitecer como um contraste a toda a vida que se formava ao seu redor no jardim, pois existia somente vitalidade além dele no jardim *tanto que cheguei a me virar para trás, quem sabe alguma coisa além de mim no jardim. mas havia apenas os brincos-de-princesa, a enredeira subindo tonta pelos cordões, rosas cor-de-rosa, gladiolos desgrehados*. O jardim é seu objeto amado, por isso mesmo morto possui um espelho interior do outro dentro de si, *é um ser misto, composto ao mesmo tempo por esse ser vivo e definido que se encontra diante de mim e pelo seu duplo interno impresso em mim*. (NASIO, 2007, p.32)

O espaço do jardim é uma metáfora para a identificação do narrador-personagem para com sua dinâmica constante entre a angústia de todo desamparo psíquico causado pelas ambivalências de seu desespero de está

morto-vivo, por isso *a dor exprime a turbulência das pulsões no domínio do isso*. (NASIO, 2007, p.30) O narrador sempre tenta preencher seu caos e vazio interior com o cultivo da terra fértil do jardim, já que com suas mãos ele possui o poder de tirar da terra a vida e a morte. O seu jardim é o seu “eleito indispensável”.

Mas como preservar essa carência essencial? E ainda, sendo essa carência necessária, como mantê-la nos limites do suportável? É justamente aí que intervém o nosso parceiro, o ser do nosso amor, porque é ele que faz o papel de objeto insatisfatório do meu desejo, e por isso mesmo de pólo organizador desse desejo. Como se o buraco de insatisfação no interior estivesse ocupado pelo meu eleito no exterior; como se a carência fosse finalmente um lugar vacante, sucessivamente ocupado pelos raros seres ou coisas exteriores que consideramos insubstituíveis e cujo luto deveríamos realizar caso desaparecessem. (NASIO, 2007, p.30)

Segundo Parkes (2009), o amor é um laço psicológico estabelecido entre duas pessoas que é comparável a um elástico, pois quanto maior o risco da perda iminente mais forte é o vínculo. Há uma relação de amor entre o jardim e seu dono morto, pois estabeleceram uma singularidade, necessidade e persistência vital. Ou seja, *em outras palavras, capta as imagens de mim mesmo, refletidas nesse espelho (interior), que é a imagem interiorizada do meu amado*. (NASIO, 2007, p. 37) Além disso, jamais poderemos calcular o valor do objeto amado para o enlutado

Outro importante componente do amor é sua “monotropia”, o amor é um vínculo com uma pessoa específica apenas. Não há como existir substituto para pai, filho ou parceiro amoroso que tenha sido perdido. É verdade que um tanto da dor do luto pode ser mitigado se um novo vínculo for criado. Pais enlutados podem ter outro filho, uma pessoa divorciada pode ser casar novamente, mas as pessoas não são substituíveis e cada novo relacionamento será único, por si. Por esse motivo, o valor de cada pessoa que amamos é incalculável. Não podemos avalia-las como fazemos, com objetos utilitários ou passíveis de reposição. Podemos criticar quem amamos por não nos ajudar ou não atingir dado padrão de beleza, mas são exatamente as coisas que criticamos que compõem o que há de único nessas pessoas, a quem amamos pelo que são. (PARKES, 2009, p.13)

A representação da flor de girassol vem prestar homenagem aos dois paradoxos da existência desse sujeito um sentimento de intensa alegria de viver, como também o reconhecimento de um intenso desejo pulsional de aniquilamento (pulsão de morte). Inicialmente, o narrador-personagem

argumenta que exteriormente os girassóis parecem ser flores simples, devido seu rudimentar desenvolvimento. Sendo assim, (1) é uma flor aparentemente simples, mas complexos, (2) demora a estar pronto e (3) enfrenta inimigos.

Os girassóis, por exemplo, que vistos assim de fora parecem flores simples, fáceis, até um pouco brutas. Pois não são. Girassol leva tempo se preparando, cresce devagar enfrentando mil inimigos, formigas vorazes, caracóis do mal, ventos destruidores. Depois de meses, um dia pá! Lá está o botãozinho todo catita, parece que já vai abrir. (ABREU, 2014, p. 15)

A flor de girassol aparece como sendo o símbolo das ambivalências que permeia entre a sua identificação tanto com a o sentimento de se estar morto, porém fisicamente “vivo”. As escolhas de objeto amado do narrador-personagem sempre pairam sobre elementos representativos que configurem o seu estado melancólico, posto que *o objeto não é algo que realmente morreu, mas que se perdeu como objeto de amor* (FREUD 1915/2011, p. 51).

Porque tem outra coisa: girassol quando abre flor, geralmente despenca. O talo é frágil demais para a própria flor, compreende? Então, como se não suportasse a beleza que ele mesmo engendrou, cai por terra, exausto da própria criação esplêndida. Pois conheço poucas coisas mais esplêndidas, o adjetivo é esse, do que um girassol aberto. (ABREU, 2014, 15)

O amarelo dos girassóis é a representação do nascer do sol (amanhecer) personificando a vida, e o morrer do sol (anoitecer) exprimindo a morte. A cor amarela pode designar no estado melancólico do narrador-personagem no enredo do conto os emblemas do seu vazio de existir. O amarelo vivo da flor é o simulacro desempenhando pelo girassol em retirar da energia solar sua vida e morte, no cotidiano cíclico de ressuscitar e desfalecer todos os dias numa relação de total investimento no outro. Podemos pensar as dicotomias referentes ao desenvolvimento da flor de girassol ao “surgimento da angústia de “empobrecimento” sofridas pelo narrador-personagem. O girassol sempre precisará desse outro (o sol), assim como o narrador-personagem sempre necessitará de seu jardim para sustentar-se e não despencar no seu particular desamparo. O personagem principal do romance *Demian* (2014), de Herman Hesse, Emil Sinclair, diz: *esses acontecimentos que ninguém percebe, é que se nutre a linha axial interna de nosso destino. A falha, a rachadura se fecham mais*

*tarde, podem cicatrizar e cair no esquecimento, mas em nossa câmara secreta mais recôndita nunca cessam de sangrar.* (HESSE, 2014, p. 32)

No final do conto, o narrador-personagem infere sua certeza de morte e vida coabita, quando ele corta um girassol fragilizado devido uma tempestade, diante de um Buda sorridente com as mãos quebradas. Ambos sendo um reflexo da deterioração do nosso corpo físico, e inclusive as debilidades da humanidade.

Na manhã seguinte, juro, ele havia feito um giro completo sobre o próprio eixo e estava com a corola toda aberta, iluminada, voltada exatamente para o sorriso do Buda. Os dois pareciam sorrir um para o outro. Um com o talo torto, outro com as mãos quebradas. Durou pouco, girassol dura pouco, uns três dias. Então peguei e joguei-o pétala por pétala, depois o talo e a corola entre as alamedas da sacada, para que caíssem no canteiro lá embaixo e voltassem a ser pó, húmus misturado à terra, depois não sei ao certo, voltasse à tona fazendo parte de uma rosa, palma-de-santa-rita, lírio ou azaléia, vai saber que tramas armam as raízes lá embaixo no escuro, em segredo. (ABREU, 2014, p.16)

No seu cultivo o narrador-personagem da terra retira a vida, enquanto assisti o desabrochar da rosa da última rosa do seu jardim, não lhe sobra tempo para perceber seu próprio aniquilamento, morte e declínio. No entanto, o solo é o que recebe a putrefação do corpo morto, todavia dos restos recria a vida. Nesse jardim a morte já mais é decretada, já que *ah, pede-se não enviar flores. pois como eu ia dizendo, depois que comecei a cuidar do jardim aprendi tanta coisa, uma delas é que não se deve decretar a morte de um girassol antes do tempo, compreendeu?* (ABREU, 2014, p.16)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreendemos toda a dor enfrentada pelo indivíduo enlutado, e todas as dificuldades de redirecionamento de seus investimentos libidinais em novos objetos. Sua dor é extremamente dolorosa, entretanto varia de pessoa para pessoa, e os fatores que determinaram quem terá um bom resultado e quem terá um mau ao fim do processo de luto será o apego do enlutado a seu objeto perdido. A singularidade da relação de apego é complexa, pois o amor é um vínculo estabelecido entre duas pessoas que dificilmente é afrouxado. O laço é resistente a rompimentos, inclusive alguns estudos afirmam que mesmo

separados alguns sujeitos partilharam por toda a vida com os resquícios de suas relações ulteriores.

A psicanálise fornece uma possibilidade de convivência e ressignificações das dores humanas mais complexas, posto em vista que o amor e a dor da perda do objeto amado são processos que escapam as razões científicas das relações humanas, já que é algo que é regido pela nossa subjetividade.

Consequentemente, fazem necessários maiores abordagens sobre os fatores determinantes dos estados que levam o enlutado a desenvolver um luto de caráter mais patológico.

## REFÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Pequenas Epifanias**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014.

BELLEMIN-NÖEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1983.

FREUD, Sigmund. **A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. **Inibições, Sintomas e Ansiedade (1926 [1925])**. In:\_\_\_\_\_. Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e outros trabalhos (1925-1926). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-171.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id (1923)**. In:\_\_\_\_\_. O Ego e o ID e outros trabalhos (1923-1925). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 33-40.

FREUD, Sigmund. **Sobre o Narcisismo: uma introdução**. In: Freud, S. Obras Completas, V. 14. Rio de Janeiro. Imago. 1974.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Tradução, introdução e notas: Marilene Carone. São Paulo. Cosac Naify. São Paulo. 2011.

NASIO, J. D. **A dor de amar**. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2007.

PARKES, Colin Murray. **Amor e Perda: As raízes do luto e suas complicações**. São Paulo. Summus. 2009. Tradução Maria Helena Pereira Franco.